



Uma carta de Clarice Lispector a Fernando Sabino e a sua resposta

A Letter from Clarice Lispector to Fernando Sabino and Her Reply

Cristina Gonçalves Ferreira de Souza

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, Minas Gerais/Brasil
cristinasouza2002@yahoo.com.br

<https://orcid.org/0000-0002-2206-7172>

Resumo: O estudo da correspondência de escritores é um campo em expansão nas pesquisas literárias. Tal fenômeno ocorre, dentre outros motivos, porque as cartas de um escritor podem oferecer elementos para a melhor compreensão de sua obra literária. Apoiando-se em trabalhos de Galvão (2008) e Moraes (2005), este artigo apresenta a análise de duas cartas escritas na década de 1940, pertencentes à correspondência dos escritores Clarice Lispector e Fernando Sabino, e publicadas na obra *Cartas perto do coração*. Seu objetivo é contribuir para os estudos literários e para a divulgação da correspondência destes escritores. Nas cartas da juventude, além de encontrar elementos importantes para compreender a biografia dos autores, foi possível acompanhar discussões estéticas e conhecer as *personas* que os missivistas construíram nessa relação epistolar.

Palavras-chave: literatura; correspondência; Lispector; Sabino.

Abstract: The study of writers' correspondence is an expanding field in literary research. This phenomenon occurs, among other reasons, because a writer's letters can offer elements for a better understanding of his literary work. Based on works by Galvão (2008) and Moraes (2005), this article presents the analysis of two letters written in the 1940s, belonging to the correspondence of the writers Clarice Lispector and Fernando Sabino, and published in the book *Cartas perto do coração*. Its objective

is to contribute to literary studies and to promote the correspondence of these writers. In the youth letters, in addition to finding important elements to understand the biography of the authors, it was possible to follow aesthetic discussions and to get to know the *personas* that the letter writers built in this epistolary relationship.

Keywords: literature; correspondence; Lispector; Sabino.

1 Introdução

A carta, na sociedade atual, deixou de ser apenas uma ferramenta comunicativa para assumir a função de documento histórico. De acordo com Walnice Nogueira Galvão, em entrevista à *Revista Teresa* publicada em 2008, o estudo da correspondência de escritores ganhou fôlego nas últimas décadas, graças, em parte, à substituição do correio postal pelo correio eletrônico: “A disseminação do computador acabou com a carta e, na hora em que a matou, descobriram que era um objeto precioso” (Galvão, 2008, p. 15). Em “À margem da carta”, um ensaio publicado em 1998, Galvão lista as principais contribuições das cartas aos estudos literários.

- 1) Elementos preciosos para a reconstituição de percursos de vida;
- 2) Fontes de ideias e de teorias não comprometidas pela forma estética;
- 3) Em certos casos ainda, [...] um estatuto exclusivo devido à qualidade impecável da escrita. (Galvão, 1998, p. 155-156)

Para a literatura, segundo Galvão (2008, p. 18), as cartas assumiriam, ainda, uma função *paratextual*, na medida em que apresentariam informações sobre o processo de escrita de determinadas obras, complementando-as. Marco Antônio de Moraes, no prefácio da obra *Antologia da carta no Brasil: me escreva tão logo possa*, publicada em 2005, destaca outra característica interessante das correspondências: a construção, pelo remetente, de *personas* diferentes de acordo com cada destinatário.

Também em nossas cartas elegemos particularidades de nossa psicologia e acabamos definindo espécie de “máscaras” [...] E assim, a cada um deles [destinatários] somos diferentes, mostrando

faces diversas da nossa personalidade, sempre adaptando a linguagem às nossas intenções. Até a maneira de contar um fato se modifica em face dos nossos destinatários, conforme nossas conveniências. (Moraes, 2005, p. 12)

De acordo Moraes (2005), na carta, a verdade mudaria de acordo com o destinatário: “Precisamos da nossa atenção constante, porque a carta traz sempre a verdade do indivíduo, em determinado momento, diante de um destinatário específico” (Moraes, 2005, p. 13). Logo, é preciso pensar as cartas de um escritor como um material que pode oferecer informações importantes para clarear aspectos de sua biografia, conceitos e obras, contudo, sem nos distanciarmos do fato de que, mesmo na carta, molda-se a verdade e são construídas *personas* sociais.

Neste artigo, analisaremos uma carta escrita por Clarice Lispector a Fernando Sabino e a sua resposta. O ano é 1946, momento em que os jovens escritores buscavam encontrar o lugar destinado a eles na literatura modernista brasileira. As missivas selecionadas pertencem à correspondência publicada por Sabino, em 2002, na obra intitulada *Cartas perto do coração*. Nela, temos reunidas cartas dos anos de 1946 a 1969, num total de cinquenta e uma. O subtítulo da obra (Dois jovens escritores unidos ante o mistério da criação) nos dá indícios da importância da correspondência para compreendermos sua formação literária.

2 Duas cartas trocadas

Fernando Sabino e Clarice Lispector corresponderam-se intensamente durante vinte e três anos. Os escritores foram apresentados por Rubem Braga no início da década de 1940 no Rio, para onde Sabino, recém-casado, mudara-se. O interesse pela literatura resultou numa forte amizade consolidada em longas conversas. No livro biográfico *O tabuleiro de damas*, Sabino rememora como conheceu Clarice.

Em janeiro de 1944 recebi em Belo Horizonte um exemplar do romance “Perto do Coração Selvagem”, com dedicatória da autora chamada Clarice Lispector, que eu não sabia quem era. Também não sabia por recomendação de quem, talvez do Lúcio Cardoso. Fiquei deslumbrado com o livro.

Rubem Braga conheceu Clarice na Itália durante a guerra – Maury Gurgel Valente, seu marido servia em Nápoles como diplomata. Quando ela veio ao Brasil, Rubem nos apresentou.

Fiquei deslumbrado com ela.
Imediatamente nos tornamos amigos, de intenso convívio, enquanto ela esteve aqui. Passávamos horas de conversa diária numa confeitaria da cidade ou onde quer que nos encontrássemos. (Sabino, 1999, p. 115-116)

Em maio de 1946, Sabino mudou-se para os Estados Unidos para trabalhar na Representação Comercial brasileira. Apenas dois meses antes, Clarice havia se mudado com o marido para a Suíça. Distantes, os amigos iniciaram longa correspondência que somente foi suspensa quando ambos estavam no Brasil e que foi interrompida quando Clarice retornou definitivamente ao país no final da década de 1960. A correspondência da década de 1940 é especialmente interessante por registrar o início das carreiras desses escritores. As cartas serviam para o desabafo frente às dificuldades da carreira literária e para o apoio mútuo. Também eram espaço para experimentação, para discussão de conceitos estéticos e para trocas de impressões sobre suas próprias obras, sobre obras de escritores contemporâneos e sobre a recepção crítica das mesmas. De acordo com Sabino:

Trocávamos idéias sobre tudo. Submetíamos nossos trabalhos um ao outro. Juntos reformulávamos nossos valores e descobríamos o mundo, ébrios de mocidade. Era mais do que paixão pela literatura, ou de um pelo outro, não declarada, que unia os dois jovens “perto do coração selvagem da vida”, é uma espécie de pacto secreto entre nós dois, fazendo-nos solidários ante o enigma que o futuro reservava para o nosso destino de escritores. (Sabino, 1999, p. 117)

Quando se conheceram, Clarice tinha 24 anos e Sabino, apenas 21. Nas cartas, é possível perceber a intensidade das angústias e das alegrias em torno das conquistas e derrotas do início das carreiras dos dois jovens autores. A carta de Clarice foi escrita em 19 de junho e ilustra bem a relação epistolar desenvolvida. Vejamos.

Berna, 19 de junho 1946 – quarta-feira¹
Fernando,
sua carta me surpreendeu tanto! Eu tive a impressão de ter caído numa coisa assim: de jogar verde para colher maduro ou de ir buscar lã e sair tosquiada, ou dois e dois são quatro – eu escrevi

¹ Mantive a grafia das cartas tal qual o original.

para vocês no Rio, na sua casa, e você me responde de Nova York. Eu sabia que vocês estavam lá por alguém que veio dos EEUU e passou por Paris – estive uns 15 dias em Paris – mas pensei que era a passeio. Não cesso de imaginar vocês em New York e não sei como. Como é que Heleninha fala no meio da cidade? E você trabalha de noite num arranha-céu? e os arquivos? Só agora é que vejo que vocês no Rio eram uma das garantias que eu procurava. Por que é que todo mundo quer sair do Brasil? E você é espírita, é, Fernando? Então como é que você me pergunta o que eu faço às três horas da tarde? Ou já falamos sobre isso? às três horas da tarde sou a mulher mais exigente do mundo. Fico às vezes reduzida ao essencial, quer dizer, só meu coração bate. Quando passa, vêm seis da tarde, também indescritíveis, em que eu fico cega. Se o telefone toca eu dou um pulo e se me “convidam” eu pareço criança ou cachorrinho, saio correndo e enquanto corro digo: estou perdendo minha tarde.

Mas eu tenho ido de tarde à biblioteca pública. E por estranho que pareça, estou estudando cálculo das probabilidades. Não só porque o abstrato cada vez mais me interessa, como porque eu posso renovar minha incompreensão e concretizar minhas dificuldades gerais. Estivemos em Paris andando desde manhã até a noite. Aquela cidade é doida, é maravilhosa. Não consegui absorvê-la, ter uma idéia só. De volta, fomos diretamente para um apartamento novo, ainda novo, tudo encaixotado, estranho, desarrumado. Encontrei cartas de casa e vários recortes de jornal, artigo de Reinaldo Moura, nota de Lazineira Luiz Carlos de Caldas Brito..., várias notinhas, referências a você e a mim em Sérgio Millet, e em vários. E nota de Álvaro Lins dizendo que meus dois romances são mutilados e incompletos, que Virgínia parece com Joana, que os personagens não têm realidade, que muita gente toma a nebulosidade de Claricinha como sendo a própria realidade essencial do romance, que eu brilho sempre, brilho até demais, excessiva exuberância... Com o cansaço de Paris, no meio dos caixotes, femininamente e gripada chorei de desânimo e cansaço. Só quem diz a verdade é quem não gosta da gente ou é indiferente. Tudo o que ele diz é verdade. Não se pode fazer arte só porque se tem um temperamento infeliz e doidinho. Um desânimo profundo. Pensei que só não deixava de escrever porque trabalhar é minha verdadeira moralidade.

Afinal arranjei emprestada uma empregada que em um dia deu ordem na desordem – ela era uma verdadeira mulher. Uma grande mulher, sem dúvida, chamada Rosa, italiana, que Deus a abençoe. Hoje passei o dia lendo; às três horas li de novo sua carta e o bilhete de Helena. Diga a Helena que na primeira vez em que nos encontrarmos ela ganha de mim uma caixinha de música. No mesmo dia em que recebi sua carta, recebi uma de Paulo. Carta pequena, cautelosa, quase silenciosa.

Fernando, procure em Nova York, no Consulado, Araújo Castro. Ele é ótimo. Vai lhe parecer calado e fechado, de início. Ele é muito, muito inteligente, bom, e de boa espécie.

São nove horas da noite, mas parece seis da tarde. E eu brilho, brilho sempre – isso deve ser brilho. Na verdade deve ser apenas adaptação ao novo apartamento. Não se pode deixar uma janela aberta, voa tudo; é um lugar onde ainda estão construindo, sem muitas casas. A rua chama-se Ostring e eu sou a pérola de Ostring, não vê? Vocês pretendem mandar buscar Eliana? como vão fazer? Quanto tempo na realidade vão ficar nos EEUU? Paulo diz que vocês ficarão seis meses apenas... Desejo muita felicidade a vocês. Sejam muito felizes: estou com vontade de dar conselhos grandiosos, dizendo: custa um pouco adaptar-se a um lugar novo etc. Fernando, você tem trabalhado? e Helena, o que é que faz? Acabei de passar uma semana das piores em relação ao trabalho. Nada presta, não sei por onde começar, não sei que atitude tome, não sei de nada. Digo a mim mesma: não adianta desesperar, desesperar é mais fácil ainda que trabalhar. Me mande um conselho, Fernando, e uma palavra bem amiga. Desculpe esta carta tola. Respondam depressa e eu mandarei uma muito boa, muito calma – Quem tinha falado de Sagarana era o Escorel, elogiando. Não sei mais nada. E as notícias que recebo do Brasil são as piores. Até pão falta. Vocês devem estar experimentando agora a tristeza de estar num país onde mesmo lentamente tudo tende a melhorar e receber notícias constantes desse jeito. Dá vontade de ser um grande homem e fazer alguma coisa. Certamente teremos alguma revolução. Até o ar lá está precisando disso.

Fernando, Helena, um abraço grande. Me escrevam, agora que vocês sabem quanto pode valer uma carta e sobretudo certas cartas.

Dei um ar de tristeza? não, dei um ar de alegria.

Clarice

(Lispector *apud* Sabino, 2001, p. 20-23)

No início da carta, Clarice mostra-se surpreendida pela mudança repentina de Fernando para os Estados Unidos. Questiona: “Por que é que todo mundo quer sair do Brasil?” (Lispector *apud* Sabino, 2001, p. 20). E lamenta: “Só agora é que vejo que vocês no Rio eram uma das garantias que eu procurava” (Lispector *apud* Sabino, 2001, p. 20). Por ter morado por vários períodos fora do Brasil, a escritora parece atribuir a seus correspondentes a tarefa de atualizá-la e de amenizar sua saudade do país. Em sua nova condição de expatriado, Sabino, segundo Clarice, agora entenderia: “quanto pode valer uma carta e sobretudo certas cartas” (Lispector *apud* Sabino, 2001, p. 23).

Aqui, chama-nos atenção a conversa sobre as três horas da tarde. Na carta de 10 de junho, Sabino divaga sobre as incertezas da vida em Nova Iorque. E em um dado momento, lança a seguinte pergunta: “O que é que você faz às três horas da tarde?” (Sabino, 2001, p. 18). A provocação suscita uma resposta enigmática que diz sobre a personalidade de Clarice, mas que acaba também por nos remeter à sua literatura, caracterizada por dramas psicológicos e pela presença de momentos epifânicos: “às três horas da tarde sou a mulher mais exigente do mundo. Fico às vezes reduzida ao essencial, quer dizer, só meu coração bate” (Lispector *apud* Sabino, 2001, p. 20). Segundo Nelson Vieira (1987, p. 84), Clarice era judia, mas não professava abertamente a religião. Sua prosa, porém, apresentava elementos claros da tradição judaica: “a prosa de Clarice Lispector reflete aquela perspectiva, oriunda da tradição bíblica e judaica, que visa comunicar, ao final de contas, uma mensagem espiritual” (Vieira, 1987, p. 84). O número três na Bíblia exprime totalidade. Três horas da tarde, na tradição judaico-cristã, é uma hora canônica chamada *Noa*, um momento de silêncio e oração.

O tema que domina a carta, entretanto, é reação de Clarice à recepção crítica da obra *O lustre*, recém-publicada. Ao longo da correspondência, é possível perceber que os missivistas acompanhavam avidamente tudo que a imprensa publicava sobre seus trabalhos. Segundo Silviano Santiago (2004), na década de 1940, havia um grupo de intelectuais: “formadores de opinião, responsáveis pelo sucesso ou o fracasso de obras e autores” (Santiago, 2004, p. 162). Dentre eles, estavam Sérgio Milliet e Álvaro Lins, citados com recorrência pelos missivistas. Na carta-exemplo, é mencionada a nota de Álvaro Lins sobre *O lustre*. De

acordo com Clarice, o crítico teria associado sua obra à sua personalidade de modo negativo: “muita gente toma a nebulosidade de Claricinha como sendo a própria realidade essencial do romance” (Lispector *apud* Sabino, 2001, p. 21). De acordo com Neli Santos (2002), Lins, em artigo no “Correio da manhã” de maio de 1946, teria declarado sobre o livro que: “a colocação do espaço e do tempo no plano da descontinuidade causa desajuste e gera uma camada de nebulosidade, que impede a definição de suas formas e cenas” (Santos, 2002, p. 390). A avaliação aborrece a escritora, que, contudo, concorda: “Só quem diz a verdade é quem não gosta da gente ou é indiferente” (Lispector *apud* Sabino, 2001, p. 21).

Na vez de críticos, os missivistas avaliam a obra *Sagarana*, do então desconhecido Guimarães Rosa. Clarice parece titubear em dar sua opinião: “Quem tinha falado de Sagarana era o Escorel, elogiando” (Lispector *apud* Sabino, 2001, p. 22). Na carta de 06 de maio, Sabino comenta a obra.

Outro dia saiu um novo livro que está fazendo furor, é o termo. Vocês até possivelmente já ouviram falar, pois é do Chefe do Gabinete do Itamarati, o Guimarães Rosa. Chama-se Sagarana, livro de contos, muito bem escrito, misto de Monteiro Lobato, Cyro dos Anjos, Euclides da Cunha e Mário de Andrade, entenda se possível. Todo mundo está deslumbrado, Álvaro Lins “descobriu-o” e “consagrou-o”. Gostei do que já li, é realmente uma perfeição de linguagem e expressões do interior de Minas, os diálogos principalmente muito bons, mas não é meu gênero e penso que você também não gostaria. (Sabino, 2001, p. 14)

É no mínimo curiosa a avaliação inicial de Sabino. Contudo, de acordo com Luís Bueno (2012, p. 18), a partir do romance de 30 no Brasil, distinguiram-se nos meios literários da terceira geração modernista dois movimentos conflitantes: o regionalismo e o intimismo. O primeiro caracterizado pelo foco em questões sociais e regionais e o segundo, pela ênfase na análise psicológica e de costumes. As obras de Clarice da época possuíam reconhecido traço intimista. Sabino, por sua vez, também se alinhava ao que se chamava “romance psicológico”. É preciso dizer, porém, que, uma década mais tarde, a leitura de *Grande Sertão* foi retomada por Sabino. E, na carta de 19 de julho de 1956, o escritor rende-se à obra de Guimarães Rosa, sobre a qual declara ser “obra de gênio”, com total concordância de Clarice: “O melhor de tudo, porém,

é o livro do Guimarães Rosa, não o Corpo de Baile, que não li, mas o Grande Sertão – Veredas, que estou na metade e é obra de gênio, não deixo por menos” (Sabino, 2001, p. 135).

Por fim, Clarice fala do seu processo criativo e declara-se em grande dificuldade: “Acabei de passar uma semana das piores em relação ao trabalho. Nada presta, não sei por onde começar, não sei que atitude tomar, não sei de nada” (Lispector *apud* Sabino, 2001, p. 21). E conclui a carta com um pedido a Fernando: “Me mande um conselho, Fernando, e uma palavra bem amiga” (Lispector *apud* Sabino, 2001, p. 22). Apesar de, na frase final, Clarice afirmar ter dado um “ar de alegria”, na carta parecem predominar desânimo e desesperança.

Na carta-resposta a Clarice, de 06 de julho de 1946, Sabino busca principalmente dirimir suas inquietações. Trata-se de uma carta longa, plena de divagações sobre a vida e a literatura. Vejamos os trechos principais:

New York, 6 de julho de 1946

Clarice,

Sua carta chegou como uma ventania: eu estava organizando uns formulários, pilhas de papéis em cima da mesa, quando um contínuo se aproximou segurando uma carta para mim.

[...] Atravessei um período duro, Clarice. Também precisei muito de uma palavra amiga, e, afinal, o meu livro está ali, num canto, esperando uma resolução. Já nem sei mais nada, e às vezes tinha vontade de ir mais devagar. Viver devagar é que é bom, e entreviver-se, amando, desejando e sofrendo, avançando e recuando, tirando das coisas ao redor uma íntima compensação, recriando em si mesmo a reserva dos outros e vivendo em uníssono. Isso é que é viver, e viver afinal é questão de paciência. [...] A gente podia ser assim, Clarice, viver apenas, aceitar o momento como essencial e nascer de novo entre dois cigarros, entre o brinquedo e o edifício, entre a palavra e a curva. Mas é preciso saber se lá fora faz dia ou noite. [...] Viver é isso mesmo e afinal ser feliz é fácil como fechar os olhos. Mas o olho na parede existe, nos espreita sempre, como um buraco, um mistério, uma lembrança do mundo errado possibilitando a salvação. Alguns conceitos certos dão ilusão de calma, facilidade e vitória. Por exemplo: a renovação temporal é uma busca da eternidade das coisas. Mas na verdade não há calma nenhuma, tudo é muito difícil, e afinal as palavras estão precipitando a nossa derrota. Porque viver apenas não basta.

Não basta, não basta. É preciso uma convicção, certa ou errada, mas uma convicção, e conscientemente escrever, falar, brigar, viver por ela. [...] É possível que estejamos sempre querendo dizer as mesmas coisas em línguas diferentes. Você com seu livro, sofrendo com ele, você se desenvolvendo em círculos concêntricos, aprendendo a se dispor em andares. Sabe pregar selos nas cartas e não se vexa em ter de lambê-los. Espera por uma revolução no Brasil, e aprende a conhecer a topografia de Berna. Topograficamente você é admirável. Estou tão vago, meu Deus, tão vago, telúrico, inadmissível. Te respeito, admiro e invejo. [...] Como você vê, não posso te mandar nenhuma palavra animadora: sei que você deve estar se desesperando com o seu livro, que não vai, que não vai, pois também me desespero com o meu, tenho trabalhado a sério e sofrido muito. E todo esse desespero vem de não saber por quê; saber *como* a gente acaba sabendo, mas intimamente desconhece que a angústia e a expectativa deprimente vêm de não saber por quê. Se te mandam quebrar pedra ou fazer um móvel, a inteligência vai te angustiar na procura do meio mais certo, mais eficiente e mais perfeito de quebrar ou fazer. Mas a insaciedade que te faz artista vai te atirar numa procura muito mais afetiva, digna e criadora: saber o que é uma cadeira, e que proveito os outros tiraram da pedra que você vai quebrar. Só assim você estará sendo artista. Sem saber isso você será escravo. A gente se angustia com o livro que está sendo escrito, não é porque está difícil, ou porque esbarrou num beco sem saída, coisa assim: a gente se angustia é por não saber intimamente o que está fazendo. Perde-se tempo, e há muita coisa de utilidade imediata atualmente, esperando o nosso esforço. Então é preciso descobrir antes *o que é* nosso livro. Um protesto? uma tristeza? Uma vida? um elefante? Se a gente descobre por exemplo que o livro da gente tem de ser um crime, então a gente sofre, se desespera, mas afinal o livro sai o crime que a gente queria. Se descobre que há de ser um passarinho, ele será um passarinho. Mas alguma coisa o livro tem de ser, certo ou errado, contra ou a favor da gente. É preferível que seja a favor, então temos de descobrir o que ele vai ser. Só o que vai ser – de descobriremos para o que vai servir ou que utilidade terá, avançamos demais e caímos na propaganda, na arte social e na literatice.

Por isso não te posso mandar nenhuma palavra animadora. Digo apenas que não concordo com você quando diz que faz arte porque “tem um temperamento infeliz e doidinho”. Tenho uma grande,

uma enorme esperança em você e já te disse que você avançou na frente de todos nós, passou pela janela, na frente de todos. Apenas desejo intensamente que você não avance demais para não cair do outro lado. Tem de ser equilibrista até o final. E suando muito, apertando o cabo da sombrinha aberta, com medo de cair, olhando a distância do arame ainda a percorrer – e sempre exibindo para o público um falso sorriso de serenidade. Tem de fazer isso todos os dias, para os outros como se na vida você não tivesse feito outra coisa, para você como se fosse a primeira vez, e a mais perigosa. Do contrário seu número será um fracasso.

Agora, espero mais intensamente ainda que você descubra o que é que esse seu livro vai ser. Porque o outro se descobriu por si mesmo, você nem percebeu o que ele se arriscou a ser nem por que abismos andou. Espero que você saiba apenas isso: estou escrevendo um livro sobre uma mulher que não queria ter filhos. Ou sobre uma mulher que só queria dançar. Ou sobre uma mulher que tem medo dos homens. Saber somente que está escrevendo um livro sobre uma mulher é muito pouco. E saber que não querer ter filhos é um absurdo, dançar apenas é futilidade e os homens fazem medo porque são muito brutos – é saber demais.

[...]

TA BEM, Clarice Lispector! Me mande notícias do seu livro, notícias detalhadas, estou ansioso por saber e quero fazer aqui minhas conjecturas quanto ao meu. O meu está parado, mas vai indo. O artigo do Álvaro Lins, já calculo o que ele terá dito. Fico revoltado, raivoso, parcialíssimo: Álvaro Lins é um cretino. [...] Me escreva, Clarice. Meu livro se chama “Os Movimentos Simulados”. Como é que se chama o seu?

Um abraço amigo do

Fernando

(Sabino, 2001, p. 24-31, grifos do autor)

Sabino inicia a carta com uma longa reflexão sobre o sentido da vida, na qual compartilha sua insatisfação. O escritor primeiro atribuiu à juventude e à pressa de viver a culpa por esse sentimento e afirma que é preciso paciência para realmente enxergar a realidade: “Isso é que é viver, e viver afinal é questão de paciência” (Sabino, 2001, p. 24). Em seguida, afirma que o problema está na impossibilidade do ser humano de se contentar em apenas viver: “Mas é preciso saber se lá fora faz dia ou noite. [...] Porque viver apenas não basta” (Sabino, 2001, p. 25). A solução seria, segundo ele, cada um encontrar a sua convicção

e trabalhar por ela e a partir dela: “É preciso uma convicção, certa ou errada, mas uma convicção, e conscientemente escrever, falar, brigar, viver por ela” (Sabino, 2001, p. 25).

Segundo o escritor, a angústia vem da falta de consciência: “a gente se angustia é por não saber intimamente o que está fazendo” (Sabino, 2001, p. 27). Então, Sabino apresenta o que podemos chamar de “estatuto da criação literária”. Note que na carta há duas expressões destacadas: a primeira é “*como*”, a segunda é “*o que é*”. Sabino afirma que o “*como*” é a parte sabida da produção literária e que, mais importante do que saber *como*, é saber *o que* o livro será: “Então é preciso descobrir antes *o que é* nosso livro. Um protesto? uma tristeza? Uma vida? um elefante?” (Sabino, 2001, p. 27). A literatura seria o testemunho de um escritor e, se esse testemunho não é feito conscientemente, será feito arbitrariamente por outros: “Mas alguma coisa o livro tem de ser, certo ou errado, contra ou a favor da gente. É preferível que seja a favor, então temos de descobrir o que ele vai ser” (Sabino, 2001, p. 27). Sabino finaliza reafirmando a grande admiração que tem por Clarice e a confiança na sua habilidade literária: “você avançou na frente de todos nós, passou pela janela, na frente de todos” (Sabino, 2001, p. 27). Para não fracassar, ela dever ser como uma equilibrista: “Suando muito, apertando o cabo da sombrinha aberta, com medo de cair, olhando a distância do arame ainda a percorrer – e sempre exibindo para o público um falso sorriso de serenidade” (Sabino, 2001, p. 28). Sobre a crítica, aconselha que Clarice não se deixe abater pelas avaliações: “Álvaro Lins é um cretino” (Sabino, 2001, p. 29). E apresenta o livro que escrevia no momento, *Os movimentos simulados*, que seria publicado somente em 2004 em uma homenagem póstuma a Clarice: “Pois aqui vai, atendendo à minha amiga Clarice, quase 60 anos depois, o romance *Os movimentos simulados*” (Sabino, 2004, p. 6).

Quem tiver a oportunidade de conhecer o conjunto de correspondências publicadas por Sabino em três volumes no início dos anos 2000² poderá certamente perceber que os principais argumentos apresentados na carta-resposta são oriundos das discussões travadas na correspondência com Mário de Andrade. Publicada com título *Cartas a um jovem escritor e as suas respostas* (2003), a correspondência, trocada

² *Cartas a um jovem aprendiz e suas respostas, Cartas perto do coração, Cartas na mesa.*

entre 1942 e 1945, reúne discussões sobre vida e literatura, nas quais Mário orienta o amigo e escritor estreado. Segundo Betella (2008), “Nas cartas, o que mais se discutiam eram os problemas do processo criador, além das questões pessoais” (Betella, 2008, p. 339). Mário defende nas cartas que o artista tenha uma convicção e que use a literatura em prol dela. Note, nos excertos abaixo³, retirados de cartas de Mário de Andrade, a semelhança com as afirmativas feitas na carta-resposta a Clarice.

Sim, nós podemos fazer bem boazinha a nossa vida particular. Mas isso não basta. (Andrade *apud* Sabino, 2003, p. 163).

Praque imaginar si do outro lado do túnel faz dia ou faz noite? Só tem um jeito de saber: é ir até lá. (Andrade *apud* Sabino, 2003, p. 97).

Você pode não participar da vida, mas a sua obra, si não for um elemento do seu combate (o que é nobre), será elemento pro combate dos outros. (Andrade *apud* Sabino, 2003, p. 144).

Sabino escreveu a primeira carta a Mário de Andrade aos 18 anos, quando acabara de publicar seu livro de estreia e dava passos ainda titubeantes na carreira literária. A partir das noções de *personas* e de verdade do indivíduo apresentadas por Moraes (2005), podemos pensar que Sabino, “aprendiz” na correspondência com Mário, assume na carta-resposta o papel de “mestre” ao repassar a Clarice conceitos discutidos com Mário de Andrade. Assim como Mário, Sabino assume uma *persona* solidária e afetuosa, alguém que compartilha das dificuldades concernentes à produção literária, mas que mostra conhecer as soluções e as apresenta de acordo com a sua verdade. Clarice, por sua vez, assume uma *persona* que demonstra certa fragilidade e dúvida quanto à sua literatura: “Com o cansaço de Paris, no meio dos caixotes, femininamente e gripada chorei de desânimo e cansaço” (Clarice *apud* Sabino, 2001, p. 21). Essa suposta inadequação, porém, não convence Sabino que reafirma a fé na qualidade da literatura da escritora: “você avançou na frente de todos nós” (Sabino, 2001, p. 28). Por outro lado, a escritora mostra-se também receptiva e desejosa de aprimorar sua arte: “Trabalhar é minha verdadeira moralidade” (Clarice *apud* Sabino, 2001, p. 21).

³ A grafia foi mantida conforme o original.

3 Considerações finais

Para Galvão (1998, p. 155) a correspondência nos dias atuais assume uma função que ultrapassa o comunicativo, constituindo-se num registro importantes de informações biográficas, estéticas e literárias. Nas cartas-exemplo, foi possível visualizar, além dos relatos de vida que contribuem para a construção das biografias de Fernando Sabino e de Clarice Lispector, discussões que nos ajudaram a compreender suas escolhas estéticas, sua relação com a crítica e as dificuldades enfrentadas no início de suas carreiras.

Moraes (2005, p. 12) nos alerta que o missivista constrói *personas* e verdades conforme o destinatário. Nas cartas selecionadas, pudemos também conhecer as *personas* construídas por cada missivista para seu correspondente. O amadurecimento intelectual de Sabino fica aparente na construção de uma *persona* que, não mais apenas recebe ensinamentos, mas que apresenta contribuições a seu destinatário, numa troca mais igualitária do que na correspondência com Mário de Andrade. O desejo de aprimoramento de Clarice, por outro lado, transparece numa *persona* que apresenta e discute suas fragilidades com o interlocutor em busca de soluções. Esperamos ter podido demonstrar, nesta breve reflexão, um pouco da riqueza e da importância deste conjunto de cartas para os estudos literários dos escritores focalizados.

Referências

BETELLA, G. K. O papel das cartas e das confissões na ficção de Fernando Sabino. In: *Teresa: revista de Literatura Brasileira*. n. 8/9. São Paulo: Ed. 34, p. 339, 2008.

BUENO, L. Divisão e unidade no romance de 30. In: WERKEMA, A. S. et. al. *Literatura Brasileira: 1930*. Belo Horizonte: Editora UFMG, p.18, 2012.

GALVÃO, W. N. À margem da carta. In: *Desconversa* (ensaios críticos). Rio de Janeiro: Editora UFRJ, p. 155-156, 1998.

GALVÃO, W. N. Entrevista concedida a Marcos Antônio de Moraes. In: *Teresa* revista de Literatura Brasileira. n. 8/9. São Paulo: Ed. 34, p. 18, 2008.

MORAES, M. A. (Org). *Antologia da carta no Brasil: me escreva tão logo possa*. São Paulo: Moderna, p. 12, 2005.

ROCHA, F. C. D. A escrita de si na correspondência de Clarice Lispector. In: *Matraga: Estudos Linguísticos e Literários*, Rio de Janeiro, v. 18, p. 168-190. 2006. Disponível em: <http://www.pgletras.uerj.br/matraga/matraga18/matraga18a08.pdf>. Acesso em: 31 ago. 2023.

SABINO, F. *Cartas a um jovem escritor e suas respostas*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2003.

SABINO, F. *Cartas perto do coração*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2001.

SABINO, F. *O tabuleiro de damas*. Rio de Janeiro: Editora Record, 1999.

SABINO, F. *Os movimentos simulados*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2004.

SANTIAGO, S. A crítica literária no jornal. In: *O cosmopolitismo do pobre: crítica literária e crítica cultural*. Belo Horizonte: Editora UFMG, p. 162, 2004.

SANTOS, N. E. dos. A crítica jornalística sobre Clarice Lispector (1943-1997). In: *Sínteses – Revista dos Cursos de Pós-Graduação – IEL*, p. 385-394. 2002. Disponível em: <https://revistas.iel.unicamp.br/index.php/sinteses/article/view/6237/7038>. Acesso em: 31 ago. 2023.

VIEIRA, N. A linguagem espiritual de Clarice Lispector. In: *Travessia*. n. 14, p. 84, 1987. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/travessia/article/view/17509>. Acesso em: 31 ago. 2023.

Data de recebimento: 29/04/2023.

Data de aprovação: 26/09/2023.